

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA

Setembrino Junior da Silva Podeleski

MEMÓRIAS DA CONSTITUIÇÃO DE UM EDUCADOR DO CAMPO

Porto Alegre
1. Semestre
2020

Setembrino Junior da Silva Podeleski

MEMÓRIAS DA CONSTITUIÇÃO DE UM EDUCADOR DO CAMPO

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em Educação do Campo – Ciências da Natureza.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Marcos Teixeira Dalmolin

Porto Alegre
1. Semestre
2020

Setembrino Junior da Silva Podeleski

MEMÓRIAS DA CONSTITUIÇÃO DE UM EDUCADOR DO CAMPO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado em Educação do Campo – Ciências da Natureza” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza, obtendo conceito __

Porto Alegre, 04 de dezembro de 2020.

Prof. Antonio Marcos Teixeira Dalmolin, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Antonio Marcos Teixeira Dalmolin, Dr.
Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof^a Tatiana Souza de Camargo, Dr^a
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Saul Benhur Schirmer, Dr.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Eu não teria chegado até aqui se não fossem essas pessoas, minha Mãe Ana Zaida da Silva Podeleski, companheira Paula Renata P. Ehlers, irmãs Onete, Fabiana e Jéssica, filhas Mariana e Marilize, amigos (as), aos colegas do curso, meu orientador Antonio Marcos Teixeira Dalmolin e todos (as) professores (as) desde a primeira série até o término da faculdade. E, finalmente, dedicar a todos (as) que por inúmeras razões não puderam concluir seus estudos, todos nós perdemos muito com isso.

“Não há nada mais trágico neste mundo do que saber o que é certo e não fazê-lo. Que tal mudarmos o mundo começando por nós mesmos?”

Martin Luther King

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso consiste em uma pesquisa narrativa, com abordagem qualitativa, que tem o seguinte problema de investigação: Como minha história de vida se relaciona com meu processo de constituição em Educador do Campo? Em termos de objetivo, apresento: compreender o papel das memórias na formação/deformação do Educador do Campo em Ciências da Natureza. Organizei os resultados em um capítulo com dois momentos inseparáveis, a minha constituição pessoal e a minha formação/deformação como Educador do Campo em Ciências da Natureza.

Palavras-chave: Formação Docente; Educação do Campo; Ciências da Natureza; Memórias.

SUMÁRIO

1	PRIMEIROS PASSOS.....	9
2	COMO CAMINHAR NESSE TERRENO	11
3	O TERRENO EM QUE ME APOIO.....	12
4	MINHAS MEMÓRIAS NA CAMINHADA	14
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	REFERÊNCIAS.....	30
	APÊNDICE A – PROJETO DO SÍTIO.....	33

1 PRIMEIROS PASSOS

Um dia acordei me sentindo pronto para ser educador, foi então que percebi se tratar de um sonho! Um educador é gente, nunca está pronto, se constitui ao longo da vida, aprende, desaprende e reaprende novamente o ser professor.

Um educador não nasce educador, mas inicia por conhecer o ofício na infância. Estudei da 1^o a 4^o série no interior do município de Mariana Pimentel, Estado do Rio Grande do Sul – RS, onde percorria distâncias a pé, para chegar à Escola Tiradentes em meu processo de alfabetização. Havia apenas uma única sala e uma professora, na classe multisseriada.

Depois foi construída uma escola maior e mais distante, chamada Ana Barok, para à qual havia ônibus escolar e também haviam vários professores, na etapa dos anos finais do Ensino Fundamental. Com os livros de ciências comecei a costurar com o mundo em que eu vivia, tinha uma comunicação, entre as aulas de Ciências e meu quintal.

Através das ilustrações de animais nos livros comecei a desenvolver uma relação de observação e reflexão com as abelhas, aves, besouros, borboletas e plantas. Esses elementos eu encontrava no livro didático, nas aulas e no cenário do meu cotidiano. Via-os no caminho de casa para à escola, na lavoura com meu pai e até quando íamos beber água em uma nascente. Enquanto bebia, ao ver uma lagosta-de-água-doce, me perguntava sobre como poderia um caranguejo ter rabo?

Foram muitas as perguntas que aguçaram minha curiosidade infantil e me levaram a concluir o Ensino Fundamental. No entanto, os ventos mudaram com a morte de meu pai. Ele, um agricultor semialfabetizado, mas que me deixou ensinamentos como: “um dia podem tirar tudo que você tem, mas nunca irão conseguir tirar o que você aprendeu”.

A perda de meu pai me tirou o chão, minha base e como não tínhamos “terras”, fiquei vagando em subempregos no campo, às vezes trabalhando pra ter um lugar onde comer e dormir. Até que resolvi ir para a cidade tentar uma vida “melhor”. Fui morar com a minha irmã, a mais velha, em Porto Alegre – RS. Na “cidade grande” tive muita dificuldade de adaptação naquele novo sistema de vida. Dos estereótipos ao mundo das drogas lícitas e ilícitas. Passei por uma desorganização de minha própria vida e no processo de me reencontrar resgatei o

interesse pela leitura, apoiado no ensinamento de minha mãe: “o estudo é a ferramenta mais importante que o pobre tem”, somado a minha curiosidade de querer entender a vida então concluí o ensino médio pela realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Após alguns anos nessa nova etapa da vida, já casado e pai de duas filhas, morando na cidade de Eldorado do Sul, realizei cursos profissionalizantes e trabalhei como soldador. Nessa época, através da minha irmã, descobri a oportunidade única de cursar, gratuitamente, Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza (LEDOC) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Assim cheguei aqui, com todos os desafios impostos a mim pelas exigências universitárias, mas que me permitiram voltar a ser criança e construir novas perguntas sobre o meu mundo vivido. Dessa forma, busco responder ao seguinte problema de pesquisa: **Como minha história de vida se relaciona com meu processo de constituição em Educador do Campo?**

Em termos de objetivo, apresento: compreender o papel das memórias na formação/deformação do Educador do Campo em Ciências da Natureza.

Justifico a escolha desse problema de pesquisa pela vivência enquanto educador do campo em formação na LEDOC/UFRGS, na área de conhecimento Ciências da Natureza. Também em função de minha relação pessoal com o campo, já que nasci, cresci na zona rural no Município de Mariana Pimentel e sou filho de pequenos agricultores. Apesar de meus pais terem cursado até quarta série do ensino fundamental, sempre me incentivaram a estudar. Sempre tive contato reflexivo com a natureza, que considero um espaço de aprendizagem, que faz parte da minha formação humana.

2 COMO CAMINHAR NESSE TERRENO

A escolha por esse tema de pesquisa também implicou nas definições metodológicas do caminho a ser trilhado na pesquisa. Esta pesquisa é classificada como qualitativa, segundo Minayo, pois aborda:

[...] um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 16).

Quanto aos procedimentos, é uma Pesquisa Narrativa, segundo Clandinin e Connelly (2015, p. 30), pois consiste na narrativa de minhas experiências de vida. Os autores citados, a partir do trabalho de John Dewey, discutem a ideia de experiência como um processo que ocorre entre a esfera pessoal e a social e que possui dois critérios principais, a interação e a continuidade.

Em relação à interação na Pesquisa Narrativa o contexto é fundamental, pois situa espaço-temporalmente as experiências vividas. Também, não menos importante, são as pessoas, que vivem essas histórias. Sobre a continuidade destaco um elemento central para o pensamento narrativo que é a temporalidade, pois o rememorar das experiências está associado a marcas temporais da vida.

As fontes de pesquisa são minhas próprias memórias em um movimento autobiográfico de busca e reflexão de minhas próprias experiências de vida, associadas ao processo de formação/deformação docente em Ciências da Natureza na Educação do Campo.

3 O TERRENO EM QUE ME APOIO

Em termos de referencial teórico, inicio por Dalmolin (2020, p. 30), que entende cada pessoa como única “na inteireza de seu ser biológico e histórico”. A historicidade em Paulo Freire (2019, p. 72) nos faz entender que cada ser humano é sujeito, não objeto, da própria história. É alguém que problematiza e escreve sua vida nos caminhos que trilha.

Para Freire (2006, p. 53) os seres humanos têm a história como “um tempo de possibilidades e não de determinismo”, onde o futuro é objeto de problematização e está em constante mudança. Ser humano é estar sujeito a errar, não somos perfeitos e por isso, segundo Freire (2019, p. 101) necessitamos da educação para superar as condições de inconclusão, na busca de nossa vocação ontológica em “ser mais”.

Enquanto seres humanos, a LEDOC dialoga com populações específicas, conforme o Decreto Federal Nº 7352/2010 (BRASIL, 2010a), que define:

I - populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural; e,
II - escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo (BRASIL, 2010a, p. 01).

São diferentes culturas, em diferentes territórios do campo. Para Arroyo, Caldart e Molina (2011, p.08) o desafio principal da Educação do Campo é “entender os processos educativos na diversidade de dimensões que os constituem como processos sociais, políticos e culturais, formadores do ser humano e da própria sociedade”. Essas populações do campo lutam para permanecer no campo e ter uma educação contextualizada no lugar em que vivem e trabalham. Segundo Caldart (2008, p. 70) a “Educação do Campo exige que ela seja pensada/trabalhada sempre na tríade: Campo – Política Pública – Educação”, onde as pessoas do campo são sujeitos do processo educacional.

Sobre as LEDOC em Ciências da Natureza, me apoio em Dalmolin e Garcia (2020), que investigaram a produção da área em periódicos nacionais em período após a criação de mais de 40 LEDOC, via edital específico (BRASIL, 2012).

No contexto das Ciências da Natureza, discuto a partir da Articulação entre pressupostos Freireanos e o Movimento Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS), segundo Auler, Dalmolin e Fenalti (2009) e Santos e Auler (2010). CTS é um movimento social que nasceu em meados da década de 1960 com foco na discussão do desenvolvimento científico-tecnológico e sua implicação social.

4 MINHAS MEMÓRIAS NA CAMINHADA

Enquanto caminho, penso, reflito, existo. Rememorar é também vivenciar o que passou o que quero esquecer e o que não devo esquecer. Desse modo, inicio a busca e discussão de minhas experiências vividas, considerando os conceitos de continuidade e interação trazidos por Clandinin e Connelly (2015) como elementos importantes do pensamento narrativo. Organizei o texto em dois momentos inseparáveis, a minha constituição pessoal e a minha formação/deformação como Educador do Campo em Ciências da Natureza.

No primeiro momento revisito minha infância, dos tempos de alfabetização, da 1º a 4º série do Ensino Fundamental, no interior do município de Mariana Pimentel – RS, das caminhadas até a Escola Tiradentes, em contato com a natureza. Também, dos estudos na escola Ana Barok, usando o transporte escolar, na etapa dos anos finais do Ensino Fundamental. Eram duas escolas localizadas no campo, mas com material didático da cidade, que me despertavam a curiosidade pelas Ciências da Natureza.

No entanto, essas escolas eram no campo, mas não do campo, conforme Arroyo, Caldart e Molina, pois não tinha um currículo construído a partir do contexto vivido, em minha comunidade. Assim, a luta dos povos do campo é:

[...] políticas públicas que garantam o seu direito à educação e a uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais (ARROYO, CALDART e MOLINA 2011, p. 149-150).

Mesmo assim, encontrei nos livros de Ciências o mundo em que eu vivia, tinha uma comunicação, entre as aulas de Ciências e meu quintal. Através das ilustrações de animais nos livros comecei a desenvolver uma relação de observação e reflexão com os animais e as plantas. Foram muitas as perguntas que aguçaram minha curiosidade infantil e me levaram a concluir o Ensino Fundamental.

No pomar, abelhas voando nas flores e fazendo a polinização, sem nada a nos cobrar por seu trabalho. Minúsculos ovos e lagartas de todos os tipos nas folhas da couve, na horta de minha mãe. Plantávamos, colhíamos e os insetos conviviam, não utilizávamos agrotóxicos e a comida alimentava todos. Eu corria atrás das

borboletas, por entre as plantas tentando vê-las melhor, pois que belo espetáculo era ver aquelas criaturas azuis, amarelas, brancas, verdes, multicolores, com o pano de fundo do céu azul. Também sinto saudade dos verdes campos, tamanha beleza que a cada dia se manifestava diferente. Cada vez mais desenvolvia um sentimento de amor pelo campo em que vivia.

A ousadia de se aproximar mais perto de uma Mamangava, na flor do maracujá, de ver suas patas cheias de pólen, de ver a ojeriza que as pessoas tinham dos insetos, por pura falta de conhecimento. Eles nenhum mal faziam. Subia em árvores, observava ninfas de escaravelhos em troncos podres dentro do bosque nativo. Via as artimanhas de como um bicho-pau ou um gafanhoto-folha se escondiam perfeitamente na paisagem, por conta dos mecanismos de evolução que mais tarde iria redescobrir através de Charles Darwin.

E assim, a curiosidade substituía o medo e, pouco a pouco, o conhecimento dos livros somado aos conselhos de meus pais (senso comum) me davam a segurança de aproximar cada vez mais. Revirava as rochas pra ver a vida que ali se escondia, ficava horas contemplando um tatuzinho-de-jardim, que assustado comigo virava uma bola, como isso era possível? Tamanha articulação daqueles seres de “armadura” (exoesqueleto).

Conforme Freire (2006) o questionamento das crianças ou de jovens e adultos deve ser sempre estimulado, jamais ser reprimido, um dos princípios da educação como prática educativa parte sempre da curiosidade, como através do processo humano em aprender. Descobrimos ser possível ensinar, nessa tarefa que não é neutra, mas que pode despertar no aprendiz uma curiosidade crescente. A curiosidade ingênua, ao ser orientado para um amadurecimento, culmina na curiosidade epistemológica, crítica da educação bancária.

Em relação à concepção bancária da educação:

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição;
- g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;

- h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos (FREIRE, 2019, p.82-83).

Nessa verticalidade de relações, a partir da quinta série do Ensino Fundamental, nunca mais me adaptei ao processo da escola, onde durante toda minha vida relutei em permanecer e nunca me senti pertencente, fui progressivamente apresentando problemas. Não me enquadrava!

Segundo Freire (2006, p. 25):

O necessário é que, subordinado, embora, à prática "bancária", o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia quê, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o "imuniza" contra o poder apassivador do "bancarismo". Neste caso, é a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar. Esta é uma das significativas vantagens dos seres humanos - há de se terem tornado capazes de ir mais além de seus condicionantes.

Os besouros rola-bosta-africano pareciam rinocerontes em miniatura, tinham uma armadura como à de cavaleiros que assistia na televisão, depois que comecei a desvendar este mundo, a TV começou a ficar "sem graça" e a vida era grande demais pra estar dentro dessa "caixa".

As moscas sugavam e ficavam incomodando o cachorro, fiel companheiro em quase todas as aventuras. No final do açude tinha um pequeno córrego por onde água descia serpenteando árvores, murmurando em barrancos. Ali, eu mirava o olhar para dentro da água e me via refletido na lâmina d'água. No mesmo mundo do meu objeto de análise, eu me encontrei como parte desse mundo.

Ao longo dos córregos, os tímidos e diferentes caranguejos, alguns exemplares tinham uma pinça maior que outra e seus movimentos esguios, me inquietavam. Apenas as respostas dos adultos já não eram suficientes. Recorria aos livros, lendo soube que era um macho. Observava até os mosquitos me correrem no fim do dia, aqueles vampiros implacáveis. Na goiabeira eu comia e pensava como aquelas larvas paravam ali dentro da fruta, indignado como foram parar dentro da goiaba.

Certa vez vi um passarinho com um inseto pequeno no bico, consegui ver chegar até o ninho que alimentou seu filhote. Na trilha das formigas que, construindo estradas e carregando folhas, ou se alimentando de outros insetos mortos faziam a reciclagem. Assim elas trabalhavam o dia e noite.

Na noite começa outro espetáculo da vida, hoje eu sei que eram aos milhares, que vinham de todos os lugares, de minúsculos as gigantescas mariposas, que minha mãe contava histórias de bruxas tornando-as seres místicos no meu imaginário, eternizando momentos de família que não quero esquecer. Minha escola não tinha laboratório, mas o laboratório estava em tudo que eu via, ouvia, cheirava e provava, tudo era testado e assim eu me construía como parte do mundo em que vivia.

Em algum momento a ciência deve educar para emancipar os sujeitos a saírem da caverna de Platão e enfrentar os mitos. A vida se revelava para mim de maneira simples apesar de suas relações serem tão complexas e a vida estar presente em tudo. Ela era gentil, suave, doce e firme como só uma verdadeira mãe o sabe ser.

Nesse contexto se desenvolveu a primeira concepção que carrego por base, cuja natureza é amiga do ser humano, este por sua vez precisa contribuir e respeitá-la para viver e ser feliz. Neste contexto se deu minha primeira escola da vida, com a família, o campo, o capão de mato, a sanga, o açude, a horta, os animais, o céu, o sol, a chuva,...

Sim, fui pra escola, um território dentro de outro território, um lugar na paisagem, fixos e fluxos de Milton Santos (1997), nas relações de poder em uma educação cujo currículo é também um campo de tensões (SILVA, 2007), ou mais uma casa quadrada, que entrei por uma porta quadrada, sentei numa classe quadrada, um quadro quadrado, copiava no caderno quadrado as ideias quadradas. Ora, não entendo como podíamos pensar tão quadrado, vivendo numa “Terra redonda”, orgânica, viva, de múltiplas interações coletivas.

Após concluir o Ensino Fundamental, com o abalo da morte de meu pai, um agricultor que cursou até a quarta série, ficaram ensinamentos como: “que um dia podem tirar tudo que você tem, mas nunca irão conseguir tirar o que você aprender”.

Como não tínhamos “terras” fiquei vagando em subempregos no campo, às vezes trabalhando pra ter um lugar onde comer e dormir. Até que resolvi ir para

cidade tentar uma vida “melhor”. Então fui morar com a minha irmã, a mais velha, em Porto Alegre. Na “cidade grande”, tive todo tipo de dificuldade de adaptação naquele novo sistema de vida. Segundo Dalmolin,

[...] o campo não pode ser visto como inferior à cidade, pois são lugares diferentes e igualmente importantes à sociedade. Superar estereótipos capazes de inferiorizar o campo na indevida comparação com a cidade é fundamental, assim como a construção de oportunidades de acesso, dos camponeses, aos bens materiais existentes na cidade (DALMOLIN, 2020, p. 36-37).

Ao ingressar no primeiro ano do Ensino Médio na Escola Paula Soares, sofri muito com estereótipos, pois me chamavam de “Chico Bento”, caçoavam do meu nome, bem como do meu jeito da roça. Aos poucos ia me modificando perdendo minha identidade do campo, me urbanizando para me enturmar, somado a dor da morte do meu pai e da desestruturação familiar, entrei no mundo do álcool e drogas ilícitas. Assim abandonei a escola e fui trabalhar.

Não me sentia feliz nessa outra maneira de viver, me tornei alcoólatra e usuário de Crack. Perdi tudo! Perdi principalmente minha dignidade como pessoa humana. Após diversas internações e tratamentos, desde o hospício à fazendas terapêuticas, consegui me restaurar e me ressocializar. Nesse período resgatei o interesse pela leitura e como minha mãe me ensinou que “o estudo é a ferramenta mais importante que o pobre tem”, somado a minha curiosidade de querer entender a vida, concluí o Ensino Médio pelo ENEM.

Após alguns anos nessa nova etapa da vida, já casado e pai de duas filhas, morando na cidade de Eldorado do Sul, realizei cursos profissionalizantes e trabalhei como soldador. Nessa época, através da minha irmã, descobri a oportunidade única de cursar, gratuitamente, Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza na UFRGS. Não tínhamos computador, nem internet em casa quando iniciei a Faculdade. Novas aprendizagens e superações chegaram.

No rememorar dos quatro anos de vivência na UFRGS, com vistas à minha formação/deformação como educador do campo, inicio pela pesquisa de Bardagi e Paradiso (2003):

Em uma pesquisa longitudinal realizada com alunos da UFRGS desde seu ingresso no curso até a proximidade da formatura, Lassance (1997) descreveu a existência de fases distintas na relação entre o aluno, a escolha e o curso. A primeira fase seria de entusiasmo pela vitória no vestibular, o ingresso na universidade e a expectativa com o início da formação. A fase seguinte marca a decepção com o curso, os professores,

a instituição, as condições de aprendizagem e inclui preocupações com uma possível re-escolha profissional. O terceiro momento mostra um aumento pelo interesse na continuidade do curso. Nesta fase, o engajamento em atividades acadêmicas é fundamental para a satisfação e o comprometimento. O quarto e último momento observado caracteriza-se pela proximidade com o término do curso. A qualidade das atividades exercidas e a avaliação da formação produzem, nessa fase, as expectativas para o início da atividade profissional. Um estudo americano, realizado com 165 formandos de 35 áreas diferentes confirmou a importância do envolvimento em atividades acadêmicas, mostrando que a realização de estágios, acompanhados ou não de trabalho na área, aumenta a cristalização da escolha (Brooks, Cornelius, Greenfield & Joseph, 1995) (BARDAGI e PARADISO, 2003).

A partir da citação acima uso para expressar o lado negativo do que vivenciei na trajetória acadêmica, porém há outros fatores que modificaram minha maneira de me ver e ver o mundo, saberes que proporcionaram um caminho para minha liberdade de pensamento, construção de identidade e projeções para o futuro. Como relata Chassot (1994, p. 109), “se vi mais longe do que os outros homens, foi porque me coloquei sobre os ombros de gigantes”, frase de Isaac Newton um dos grandes gênios da ciência num gesto de gratidão e reconhecimento pelos mestres anteriores a ele, que proporcionaram referencial no qual ele partiu para novas descobertas. Ciência não se faz sozinha, aprendemos para posteriormente ensinar e assim se fazemos sociedade.

No processo seletivo para ingressar no curso teve uma questão sobre turismo rural na perspectiva de sustentabilidade, esse tema acabou por marcar de maneira significativa, ao longo dos meus estudos, nos quatro anos de faculdade. Ele culminou na minha decisão final sobre os desafios futuros em meu trabalho, após o término do curso. Pretendo construir um sítio, um espaço educativo voltado às questões de sustentabilidade para a agricultura familiar, em meu fazer como educador do campo.

Vivenciei participações em eventos fora da academia, como o Simpósio de Turismo Rural em Santo Antônio da Patrulha, onde percebi outras maneiras de trabalhar com a terra, pois tinha apenas a ideia de agricultura tradicional. Também, da superação de visão de educação apenas em espaços escolares. Ao pesquisar e conhecer espaços educativos não escolares repensei a maneira de ver educação, no desvelamento do livro “Conversas com Quem Gosta de Ensinar” foi que me percebi mais como educador do que como professor, segundo Rubem Alves:

Talvez que um professor seja um funcionário das instituições que gerenciam Lagoas e charcos, especialista em reprodução, peça no aparelho ideológico de Estado. Um educador, ao contrário, é um fundador de mundos mediador de esperanças pastor de projetos (ALVES, 1991, p. 29).

Outro aspecto que se fez relevante é burocratização da academia. Essas questões, que só pude superar com a ajuda de amigos e colegas do curso que já passaram por essa etapa, sem eles eu não teria conseguido realizar a matrícula, fazer estágio, acessar outros benefícios, marcar reunião com o professor para pedir ajuda, etc. A faculdade é muito burocrática e isso reflete na educação dentro das aulas da faculdade, segundo Rubem Alves.

Não é por acaso que, nas teses de mestrado e doutorado, poucas (na maioria dos casos nenhuma) sejam as perguntas sobre a relevância do assunto, enquanto todos se parecem virtualmente preocupado sem saber se as regras da gramática científica, a metodologia, foram seguidas adequadamente (ALVES, 1991, p. 47).

Além da burocracia universitária, quero destacar minha expectativa *versus* realidade, no templo da educação ou deseducação! Como filho de gente simples do campo aprendi com os adultos que as pessoas com diploma eram educadas. Porém, durante a convivência o que aprendi é que diploma não tem nada haver com educação. Achava que a academia era um templo de criaturas que transpiravam respeito uns pelos outros e com todos, mas é também um lugar de disputas de ego e de poder. Que se tratando de currículo é um campo de tensões.

Mas foi na faculdade que aprendi que palestras e horas complementares ajudam a desenvolver outras percepções da academia, como do educador Michael Apple e do Balduino Antonio Andreola, pessoas que sabem muito, sabem falar com uma linguagem simples e com uma fala sustentada pela prática. Onde aprendi a me tornar um ser humano, educador, melhor.

Também aprendi a lutar contra qualquer forma de discriminação conforme Freire (2006, p. 36), “a prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia”. O campo é lugar de diversidade e o respeito para com cada ser humano, é fundamental.

Nessas aprendizagens que vivi, destaco minha participação como estagiário no Programa de Iniciação Científica e no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

No curso de Licenciatura em Educação Campo-Ciências da Natureza algumas coisas em especial trouxeram importes aprendizados e me ajudaram a permanecer na universidade, como o Programa de Iniciação Científica e o PIBID. Me encontrei com obras de autores como: Paulo Freire, Attico Chassot, Rubem Alves e sobre o Movimento CTS.

As ações de iniciação científica têm como objetivo integrar os estudantes dos cursos de graduação da UFRGS nas atividades de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação, contribuindo para a formação acadêmica e profissional do estudante. As bolsas de iniciação científica além de difundir a popularização das ciências ajudam na formação, capacitação e permanência dos alunos na universidade, ou fora dela, como pesquisa e extensão quando aplicadas à prática educacional, tanto nos espaços educativos escolares, quanto não escolares.

Na minha caminhada, em termos de iniciação científica, destaco o Programa Ciência na Sociedade, Ciência na Escola, que contempla projetos desenvolvidos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a partir da oferta de Bolsas de Iniciação à Popularização da Ciência (BIPOP) e Bolsas de Iniciação ao Ensino de Ciências (BIENC). Esse programa incentiva docentes pesquisadores e estudantes de graduação da UFRGS a promoverem e participarem de atividades de Popularização da Ciência e ou Ensino de Ciências através da concessão destas Bolsas.

A oportunidade de fazer parte do projeto de popularização da ciência, onde fiz iniciação científica sob orientação da professora Tatiana Camargo, me permitiu trabalhar na proposta de construção de caixas entomológicas como material pedagógico para difundir a popularização das ciências, junto com os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, nas escolas em Ivoti e Nova Santa Rita, na região metropolitana de Porto Alegre – RS. A partir do tema “insetos”, discutimos possíveis temas transversais como: agricultura, agrotóxicos, alimentação saudável, meio ambiente, entre outros.

Ainda sobre a popularização da ciência e a proposta de elaboração de caixas entomológicas, como ferramenta prática e pedagógica nas escolas do campo, destaco a importância destes pequenos animais nos ecossistemas, na biodiversidade, na agricultura local e na vida na Terra. Tudo isso de uma maneira lúdica, despertando a curiosidade dos educandos na investigação dos elementos da natureza, onde todos participam da construção destes saberes.

Ao mesmo tempo, é possível de incluir tal atividade no currículo escolar, mesmo com a ausência de laboratórios nas escolas, como forma de valorizar as aulas práticas no aprendizado e ensino de Ciências da Natureza.

As crianças se empolgaram com a apresentação do projeto dos “insetos em caixas”. Aprendendo durante o desenvolvimento do projeto, como estes conhecimentos sensibilizam os alunos, podendo sim promover a percepção com o meio em que vivem e nas inter-relações com a natureza. Toda essa experiência me preparou para os futuros estágios de docência, atividade que vim a desenvolver com mais confiança em sala de aula, além do componente financeiro da bolsa remunerada, o que me ajudou muito na minha permanência na faculdade.

Através dessa experiência me tornei mais confiante a desenvolver estratégias de ensino nos estágios obrigatórios do curso. Fico pensando quando vou apresentar uma proposta como da caixa entomológica, na expectativa de ver o brilho nos olhos dos educandos, a curiosidade, as caras de espanto, de ojeriza, porque aula de ciências é assim, tem que provocar, fomentar, fazer os sujeitos sentir e pensar, para que possam compreender sua realidade, da melhor maneira possível. A coisa mais linda da docência é a oportunidade de semear ideias, de plantar sementes.

Levo a caixa entomológica em lugares e para pessoas diferentes. Essa ferramenta pedagógica me ajudou a mediar meu mundo com a turma, exercer a teoria e a prática, firmar características e moldar um perfil de um educador. Penso que o educador não educa os outros, ele educa primeiro a si mesmo, os outros mudam é pelo exemplo e pela ação que o educar faz na sua práxis, pois “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediados pelo mundo (FREIRE, 2019, p. 68)”.

Outro momento importante em minha formação/deformação como educador do campo foi a participação no PIBID, uma política de formação inicial de docentes, criada pelo Decreto Federal n.º 7.219/2010 (BRASIL, 2010b) e regulamentado pela Portaria 096/2013, que visa principalmente, a valorização do magistério. Sua condução é realizada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que acolhe Projetos das Institucionais Federais de Ensino Superior.

Nesse contexto, desenvolvi todo estágio do PIBID no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde observei e ajudei a elaborar algumas aulas de Química, com experiências práticas na modalidade de Educação

de Jovens e Adultos (EJA). Também escrevi dois artigos e participei do “X Seminário de Institutos, Colégios e Escolas de Aplicação – Nacional Educação para a Democracia: Cidadania, Diversidade e Direito ao Conhecimento”.

Participar do PIBID me proporcionou uma experiência antecipada de como estar em sala de aula, supervisão de um professor do Colégio Aplicação. Compartilhar e construir conhecimento foram algo que aprendi como estagiário pibidiano, contribuindo na formação da minha identidade docente.

Apesar das dificuldades enfrentadas, tenho muito a agradecer pela oportunidade. Se pudermos mudar algo ainda é através da educação crítica emancipadora, feitas por educadores que não são neutros, para pessoas que não são neutralizadas.

Observando no estágio, os métodos dos professores que, com o uso de experiências práticas de Ciências da Natureza nas aulas, realizam um aprofundamento, sensibilização e desenvolvimento do conhecimento científico e seus impactos na sociedade e no ambiente em que vivemos. As aulas ministradas pelos professores do Colégio de Aplicação estão muito além de uma alfabetização tradicional de reprodução técnica, proporcionam a autoestima dos alunos, formando pessoas mais conscientes e ativas para a construção de suas histórias e conseqüentemente desta sociedade.

Segundo Auler (2007), o aprendizado das Ciências Naturais quando bem desenvolvido, de maneira interdisciplinar, proporciona um caminho para o desenvolvimento social e crítico dos alunos, contribuindo para sua formação. O conhecimento dos professores e alunos se soma transformando-se em outro patamar de ensino aprendizagem.

Assim os educandos e educadores cada vez mais conscientes da realidade que os cercam, se tornam mais engajados na transformação do mundo em que vive em uma sociedade menos desigual por meio da ciência. Segundo Chassot (2000), se torna indispensável entender que como outras, a ciência é uma linguagem para entender o mundo natural.

Os estudos ao longo da LEDOC, somados à minha experiência de vida com o campo, me preocupa muito a lógica de desenvolvimento rural e tecnológico que explora os recursos naturais de maneira desenfreada, destruindo o ambiente para obtenção de lucro e acúmulo de capital, de poucos em detrimento de muitos.

Somado em um modelo de educação na América Latina com histórico colonialista, onde Paulo Freire (2019) chamou de cultura do silêncio, caracterizada ausência da participação do conjunto da sociedade em processos decisórios, que ensina como ideal de nossa sociedade uma ciência tecnocrata, que se apresenta neutra, embora não sendo, que promove uma ciência salvacionista, linear, onde o desenvolvimento científico ignora os fatores sociais e ambientais é na verdade um grande projeto de alienação social em todas as esferas da nossa sociedade moderna, “se bem que todo desenvolvimento seja modernização nem toda a modernização é desenvolvimento” (FREIRE, 1983).

Assim, ao falar de Ciência, encontro com o debate sobre Ciência-Tecnologia-Sociedade. Segundo BAZZO (2015), os “estudos partem do entendimento de que ciência e tecnologia são atividades sociais, feitas por pessoas, situadas no tempo, no espaço, na cultura e na sociedade, sendo, portanto, impossível considerá-las e compreendê-las separadamente”.

Da mesma maneira que para um estudo dessa tríade CTS, se faz necessário desenvolvê-la de maneira interdisciplinar, a partir desse entendimento de relações intrínsecas, segundo Décio Auler (2007), outro enfoque que CTS traz é a interdisciplinaridade como superação da fragmentação disciplinar.

Durante o curso de Educação do campo pela primeira vez me senti mais participante do processo educacional, assim fui me familiarizando com a proposta pedagógica do curso e com o corpo docente, que apresenta o bom senso como representantes de uma instituição de ensino superior (UFRGS), no processo de ousar em propor algo diferente. Conforme Freire (2006):

o educador e educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isso reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica (FREIRE, 2006).

Sem perder a sensibilidade na área de educação que para a “formação de educandos e educadores, alhear-se das condições sociais culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos.” (FREIRE, 2006, p.63). Pois educar não se resume a uma ideia rasa de uma técnica ou método cientificamente aprovada, que se repetida atinge resultados determinados iguais a todos, pois tudo

muda as necessidades de ontem, não são as de hoje e provavelmente não serão as de amanhã.

Por isso se faz necessário a constante reformulação na área da educação, vejamos a etimologia de “Educação”, em português, vem de “Educar”, a origem desta, por sua vez, é do Latim EDUCARE que é um derivado de EX, que significa “fora” ou “exterior” e DUCERE, que tem o significado de “guiar”, “instruir”, “conduzir”. Ou seja, em latim, educação tinha o significado literal de “guiar para fora” e pode ser entendido que se conduzia tanto para o mundo exterior quanto para fora de si mesmo. E então fica a questão em aberto, para onde fomos conduzidos? Para onde estamos conduzindo?

Como Freire (2006) em pedagogia da autonomia apresenta o ser humano como inacabado e aberto à construção num permanente processo social de busca, para Darwin (1974) “o homem é apenas o produto de uma evolução milenar ainda inacabada.” Consciente disso e sentindo-se parte de um todo, compreende e luta para deixar de ser apenas objeto, mas sujeito também da História, na busca de aproximar o que se fala do que se faz é a coerência da práxis libertadora. Liberdade traz consigo responsabilidades balizadas pela ética, não uma ética de mercado que só visa o lucro, mas que se opõe a qualquer forma discriminatória de raça, de gênero, de classe. E a melhor maneira de lutar é vive-la em nossa prática.

Desse modo não podemos aceitar que a ciência e tecnologia sejam determinantes inquestionáveis como deuses no olimpo e a sociedade meras marionetes aos interesses institucionais. Para Freire (2006), precisamos “reconhecer que somos seres condicionados, mas não determinados”.

De acordo com Auler (2007),

A defesa do determinismo tecnológico consiste numa forma sutil denegar as potencialidades e a relevância da ação humana, exercendo o efeito de um mito paralisante. Com aceitação passiva dos "milagres" da tecnologia, com adesão ao sonho consumista, a humanidade, como um todo, está perdendo a chance de moldar o futuro. Em outros termos, as visões utópicas, desencadeados pelas novas tecnologias, impedem a compreensão da tecnologia como um processo social, no qual estão embutidos interesses, na maioria das vezes de grupos econômicos hegemônicos Auler (2007).

Portanto o conceito de CTS, como posicionamento contra hegemônico, pode ser costurado dentro da perspectiva freireana e vem ao encontro de a uma nova construção de conhecimento científico propondo uma visão crítica, construtivista e emancipatória, elaborada com e para a sociedade, incumbida da responsabilidade de um desenvolvimento social sustentável que respeite a vida do Planeta Terra.

Isso só é possível por meio de uma educação que possibilite como salienta Auler (2007), a reformulação de currículos, preocupados com conteúdo que possibilite conhecimentos necessários à compressão da leitura crítica da realidade, partindo de temas contextualizados com a realidade dos alunos, para desenvolver a independência intelectual capaz de discutir as implicações sociais e éticas da Ciência-Tecnologia na sociedade.

O curso em educação do campo propõe desenvolver de maneira interdisciplinar das Ciências da Natureza, dentro de uma metodologia freireana, promovendo a formação de educadores, trabalhar com temas geradores partindo de situações-problemas reais, em seu contexto histórico, unindo saberes dos educandos na compreensão do mundo vivido. Se opondo ao velho sistema de bancário de educação.

O curso em Licenciatura em Educação do Campo surge e desenvolve-se como uma proposta diferenciada, no que diz respeito a atender as novas necessidades da sociedade. Filio-me à perspectiva CTS, que vai desde a maneira de trabalhar conteúdos, a uma formação docente alicerçada na interdisciplinaridade, de encontro aos conceitos para a formação de uma visão crítica, a perspectiva em/com ciências, socialmente relevante.

Assim temas complexos são abordados e contextualizados utilizando os óculos de CTS e suas interpelações dentro de um contexto histórico, a partir de temas geradores vinculados com a realidade dos alunos, propiciando uma visão ampliada do micro ao macro e vice-versa, promovendo o posicionamento do educador como algo indispensável para uma prática docente libertadora.

Como Paulo Freire (2006), agora, mais do que nunca o professor progressista deve estar atento à esperteza que a ideologia dominante que nos oferece uma ciência neutra e tecnocrata, como caminho único de desenvolvimento da humanidade. Mesmos condicionados, isso não determina um futuro pronto e inevitável, a utopia que nos guia para a liberdade do oprimido, não está dada, ela se constrói e reconstrói na medida em conscientes da impossibilidade da neutralização

da educação (científica) forja no educador em si, um saber especial que busca aproximar o falado da prática, é a coerência. Esse modo de viver motiva e sustenta sua luta na educação como forma de intervenção no mundo, “se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente a reprodutora da ideologia dominante. Freire (1996, p. 112)”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os estágios obrigatórios foi um divisor de águas no curso. Percebendo o engessamento que o currículo escolar põe o professor e isso dificulta o processo de ensino aprendizagem. Há também uma precarização nas condições de trabalho deste ofício que é um dos que considero mais importantes para a sociedade. Ao mesmo tempo vi que é o estagiário que leva o conhecimento que está sendo desenvolvido na universidade até escola, de certa forma promove algo de novo. Acredito que hoje há tanta informação que o professor está para ajudar os educandos a desvelarem seu caminho, pois a escola não é mais o único detentor do conhecimento, portanto educar é costurar saberes, saber dialogar e construir pontes.

Nesse contexto, destaco as questões sobre a educação crítica, no caminho para soluções de desafios. É essa educação que dialoga com os saberes do sujeito que me torna autor das próprias descobertas, apoiado no conhecimento científico apresentado pelas instituições, como a escola, no objetivo de tornar a sociedade um lugar melhor para todos, onde as pessoas se vissem como parte de um todo.

Desse modo, o parâmetro que deveria nos nortear o conhecimento não é aquele voltado ao controle de massas, mas aquele que empodera seu detentor na compreensão do mundo vivido. O desenvolvimento que não agrega, causa moléstias na humanidade e faz ruir o mundo em que vivemos por pura ignorância, como fala Harari (2016).

Nesse sentido, uma educação com enfoque CTS na perspectiva freireana buscaria incorporar ao currículo discussões de valores e reflexões críticas que possibilitem desvelar a condição humana. Não se trata de uma educação contra o uso da tecnologia e nenhuma educação para o uso, mas uma educação em que os alunos possam refletir sobre a sua condição no mundo frente aos desafios postos pela ciência e tecnologia (SANTOS, 2008).

Vivemos de maneira complexa em tempos difíceis, os desafios se tornam cada vez maiores, mas é nestes momentos que a humanidade deve se conscientizar que é através da educação crítica e emancipatória dos sujeitos que iremos trilhar o caminho pelo qual podemos criar oportunidades para resolver os problemas que nós criamos frente ao mundo em que vivemos.

A visão de que a ciência está ao alcance de todos, está no nosso cotidiano, nas coisas simples, que guardam saberes da vida, que podem ser aprendidas por

pessoas simples como eu, e ensinadas a outros num contínuo aprendizado dinâmico, desafiador, prazeroso.

Penso que assim devem ser os processos educativos na vida das pessoas. Isso também é ciência, conhecimento acumulado a o longo de nossa evolução que está em constante transformação. A popularização da ciência, na formação escolar e não escolar deve estar a serviço da comunidade e assim capacitar o educando para fazer a leitura do mundo em que vivem em um processo social de transformação de sua realidade, emancipando as pessoas de seu estado de direitos e deveres como cidadãos do mundo, sujeitos aos impactos da ciência e da tecnologia.

Essa práxis educativa que orienta o educador de Ciências Naturais, que no ato de ensinar permeiam-se muitas outras coisas embutidas, tarefa que não é neutra. O Ensino de Ciências dentro de uma concepção tradicional bancária que não dialoga com a realidade promove uma educação científica alienada do contexto local do educando, que engessa o educador na prisão da grade curricular. Dentro desse contexto como criar alternativas pedagógicas pra desenvolver uma educação CTS (Ciência-Tecnologia-Sociedade) mais crítica e humana.

A velha ciência com roupa nova pode parecer novidade. Mas CTS ampara uma Educação em Ciências com visão crítica, humanista e emancipadora, independente do nível de formação, deve estar a serviço da comunidade na solução dos desafios e na relação entre Ciência-Tecnologia-Sociedade, assim capacitar o educador na sua trajetória e educando para fazer a leitura do mundo em que vive, de modo a conscientizá-lo, desencadeando um processo social de transformação de sua realidade, proporcionando a emancipação das pessoas de seu estado de direitos e deveres como cidadãos do mundo.

Para que a proposta de uma educação não caia num antagonismo de ser uma força contrária da já imposta, mas que seja inovadora no sentido de promover que as pessoas percebam-se como sujeitos inseridos numa realidade opressora e que, quanto mais se percebem, mais se empenham na sua transformação, conforme Freire (2019).

Assim, me constituo, até aqui, como educador do campo em Ciências da Natureza. Todo esse processo formativo que ocorreu durante o curso Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza da UFRGS, ressignificou em mim o sentido do uso da terra. Pretendo, ao voltar para o campo com minha família, utilizar

estes conhecimentos para desenvolver o projeto de um sítio sustentável (Apêndice A) e viver como educador na construção e preservação de um espaço educativo não escolar, viabilizando as possibilidades de acordar parcerias com as escolas, desenvolvendo atividades pedagógicas dentro da perspectiva sustentável. Abrir para visitação de público em geral, assim através do turismo rural, possibilitar o contato das pessoas com agricultura familiar. De modo que agora começo a entender que, conforme Freire (2006, p. 22), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 1).

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. **Por uma Educação do Campo**. 5ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

AULER, D. Enfoque ciência-tecnologia-sociedade: pressupostos para o contexto brasileiro. **Ciência & Ensino**, v. 1, n. esp, 2007.

AULER, D.; DALMOLIN, A. M. T.; FENALTI, V. S. Abordagem Temática: natureza dos temas em Freire e no enfoque CTS. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 67-84, mar. 2009. ISSN 1982-5153. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/37915/28952>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

BARDAGI, M. P.; PARADISO, A. C. Trajetória Acadêmica e Satisfação com a Escolha Profissional de Universitários em Meio de Curso. **Rev. bras. orientac. prof** [online]. 2003, vol.4, n.1-2 pp. 153-166. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100013&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1984-7270.

BRASIL. Decreto Nº 7.352, de 04 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. MEC/SECADI: Brasília, 2010a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm>. Acesso em: 20 out. 2020.

BRASIL. Decreto Nº 7.219, de 24 de junho de 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências. MEC/CAPES: Brasília, 2010b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7219.htm>. Acesso em: 20 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Edital de Seleção nº 02 - SESU/SETEC/SECADI/MEC, de 31 de agosto de 2012 – PROCAMPO. MEC/SECADI: Brasília, 2012. Disponível em: <http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/edital_%2002_31082012.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

CALDART, R. S. Sobre Educação do Campo. In: SANTOS, C. A. (Org.). **Educação do Campo: campo – políticas públicas – educação**. Brasília: NEAD, 2008. p. 67-86. Coleção Por Uma Educação do Campo, v. 7.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. Ijuí: Unijuí, 1ª ed. 2000.

CLANDININ, D. J. CONNELLY. F. M. **Pesquisa Narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: EDUFU, 2015.

DALMOLIN, A. M. T. À sombra deste jacarandá: Articulações entre ciências da Natureza e Educação do Campo na Formação docente. **Tese** (Doutorado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, 2020.

DALMOLIN, A. M. T.; GARCIA, R. N. Licenciaturas em Educação do Campo da área de Ciências da Natureza: análise da produção em periódicos nacionais. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 5, e6455, 2020. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e6455>

DARWIM, C. **O homem é apenas o produto de uma evolução milenar ainda inacabada**. Editora Três, 1974.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**. Editora Paz e Terra, 8ª ed. 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 34 edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 68ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

HARARI, Y. N. **Sapiens-Uma breve história da humanidade**. 18 edição Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, W. L. P. Educação científica humanística em uma perspectiva freireana: resgatando a função do ensino de CTS. **Alexandria: revista de educação em ciência e tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 109-131, 2008.

SANTOS, W. L. P; AULER, D. **CTS e educação científica**: desafios, tendências e resultados de pesquisas. Brasília: UnB, p. 73-97, 2011

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**; Uma introdução as teorias de currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica 2007.

APÊNDICE A – PROJETO DO SÍTIO

Projeto sítio “Bem Caseiro”

Por Setembrino e Paula

Nosso sonho brota da Terra de um povo guerreiro e bebe da esperança por um mundo melhor para nossas crianças. Junior Podeleski.

Nosso projeto visa qualidade de vida, a autossuficiência e a venda do excedente com respeito a terra. Pensando sempre numa diversidade de produtos dentro de um sistema integral, que comportem dentro da pequena propriedade com mão de obra familiar, é um processo que se desenvolverá a curto, médio e longo prazo.

Também se visa num futuro que a propriedade possa ser aberta ao público em geral, incluindo escolas para desenvolver atividades pedagógicas, para visitação com almoço e atividades de lazer para a toda família aos finais de semana, no intuito de aproximar as pessoas da natureza e entender as origens e os processos dos alimentos gerando pessoas mais conscientes com o mundo em que vivem.

Sempre fortalecendo a identidade e os valores culturais do nosso município de Mariana Pimentel.

Setembrino Junior da S. Podeleski possui união estável com Paula Renata P. Ehlers, pais de duas filhas, nascido em Mariana Pimentel, atualmente cursa Licenciatura em Educação do Campo, Ciências da Natureza na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Trabalha como aut nomo e com a família faz compotas, chimias, pães e outros produtos oriundos do campo para venda, também executa outros serviç os, pois tem diversas experiências como soldador, moleiro de grãos, operador de máquina na fabricação de móveis, atendente de lancheria, possui cursos do Senai, também trabalhou em lavouras de fumo, arroz, peixe, hotelaria de cavalos, rodeios, ...

Paula Renata P. Ehlers, nascida em Eldorado do Sul, pais de duas filhas. Atualmente cursa Tecnologia em Transportes Terrestres pela UFPel (Universidade Federal de Pelotas). Trabalha como aut noma.

Imagem do sitio antes do período da pandemia;



Aula com a caixa entomológica:

